

Florbela: “Terra, quero dormir... dá-me pousada!”

No dia 8 de março do presente ano são lançadas, propositalmente no Dia Internacional da Mulher, petições públicas (sem grande sucesso até o momento) para a transladação dos restos mortais de Florbela Espanca, do cemitério de Vila Viçosa para o Panteão Nacional em Lisboa. A interpelação que se pode fazer é: se as ditas petições tiverem êxitos, será realmente que se deveria transladar os restos mortais de Florbela para Lisboa?

Como exemplificação, evoco aqui o caso de Camilo Castelo Branco. Um dia após o falecimento do escritor, seu filho Nuno solicita autorização do Governo Civil de Braga para que o cadáver do seu pai fosse transportado de S. Miguel de Seide para a Igreja da Lapa no Porto, a fim de ser sepultado no cemitério privativo da Irmandade da Lapa, no jazigo da família do seu amigo Freitas Fortuna. Fora um desejo expresso pelo próprio Camilo, que deixara a recomendação por escrito, em carta ao amigo, datada de 15 de julho de 1889: “resultou dizer-lhe eu, meu querido amigo, quer fallando quer escrevendo, que aspirava fervorosamente ser sepultado no seu jazigo da Lapa. vontade que me domina há ano e meio...”. Tal carta foi usada como motivo de recusa da transladação dos restos mortais de Camilo para o Panteão Nacional.

E no caso de Florbela, haveria alguma prova escrita da sua vontade sobre onde deveriam descansar os seus restos mortais? Como se sabe, a poetisa faleceu da noite do dia 7 para 8 de dezembro de 1930 em Matosinhos, após ingerir uma quantidade não revelada de comprimidos contidos em dois frascos de veronal, na residência em que vivia com o seu terceiro marido, Mário Lage. A transladação dos seus restos mortais, de Matosinhos para Vila Viçosa, depois do aval da Igreja Portuguesa, só ocorreu em 17 de Maio de 1964. O pretexto para tal ato foi um soneto conhecido como “Pobre de Cristo” (mas que, na versão disponível no espólio do *Grupo Amigos de Vila Viçosa*, encontra-se grafado como “Minha Terra”). Após a autorização e documentações requeridas, o caminho do corpo de Florbela, nesse seu trajeto de retorno à sua terra natal, seguiu em cortejo e foi acompanhado desde o povo que a saudava nas estradas até os estudantes da Universidade de Coimbra que lhe prestaram as devidas honrarias – apesar de um grupo mais conservador, atraído mais pela curiosidade do que pelo desejo de lhe conceder

alguma homenagem, pois Florbela já vinha sendo condenada pela moral conservadora havia anos. Contudo, antes desse emblemático trajeto acontecer, há que notar uma situação bizarra, referida por Maria Lúcia Dal Farra. No processo dos ritos fúnebres, aquando da referida transladação, os restos mortais da poetisa deveriam seguir numa urna fechada até o cemitério de Vila Viçosa. Entretanto, alguns “amigos” do casal Florbela e Mário Lage consultaram o viúvo sobre a possibilidade de poderem separar alguns “ossos” e “cabelos” da sua esposa como “lembrancinhas”. “Lage não hesitou e permitiu, então, que os fragmentos do corpo da sua mulher fossem servidos, ali, como *souvenirs...*” (“O corpo insepulto de Florbela”, in *100 anos do Livro de Mágoas. Releituras da obra de Florbela Espanca*, Natal, Sol Negro, 2021). Desse modo, o corpo de Florbela chega literalmente despedaçado a Vila Viçosa... Passados então 58 anos da transladação, far-se-á realmente necessário que, de novo, os restos mortais da poetisa conheçam nova pousada?

Florbela é autora de um universo poético próprio, que desafiou convenções e continua a inspirar toda uma geração, fora e dentro do país, seja através das inúmeras traduções que sua obra, seja pelo fato de despertar nos seus leitores e leitoras ou condenação ou absolvição/ defesa de sua obra e da sua vida. E isto é tão perceptível que a última galardoada com o Prêmio Camões, em 2021, a romancista moçambicana Paulina Chiziane, revela, na sua mais recente entrevista concedida a Nazareth Fonseca e Rogério Farias Tavares, da Academia Mineira de Letras, que, em relação à literatura dos países de língua oficial portuguesa, ela sofreu influência direta como leitora de Florbela, a única mencionada da Literatura Portuguesa. Isto tudo acontece porque a poesia florbeliana, apesar de conter traços de um certo regionalismo (também mitológico, como defendeu Vitorino Nemésio, em conferência de 1949), é universal, ao aflorar temas e sensações como, por exemplo, o erotismo, o sofrimento, a euforia, a derrocada. Ou, como refere Cláudia Pazos Alonso: “no panorama da literatura portuguesa, Florbela conseguiu afirmar-se como Alguém, ou seja, uma poeta forte de pleno direito, capaz de desobstruir um espaço de imaginação com irrecusável engenho e arte, de forma a plasmar versos ainda hoje inesquecíveis para quem a lê.” (“Uma Poeta Forte: a re-visão como manifestação de engenho e arte”, in *ESPANCA, Florbela, Charneca em Flor*, organização, notas e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, Lisboa, Estampa, 2012).

A poesia de Florbela está vinculada a um lugar de memória, a uma singularidade: as problemáticas sobre a condição e desejos femininos, bem como a

ligação uterina à terra, ao Alentejo. Evidentemente que Florbela teria todas as condições de ser lembrada num momento nacional na capital, até mesmo porque um dos seus projetos malogrados, que ficamos a saber através do caderno-manuscrito *Trocando Olhares*, intitula-se *Alma de Portugal* e é de cariz nacionalista, fazendo emergir um sentimento patriótico (através de dois grandes eixos subdivididos “Na paz” e “Na guerra”, com destaque, sobretudo, para as mulheres portuguesas que ficam na pátria a chorar pelos seus filhos e maridos que partem). Contudo, encontramos na obra da poetisa várias “Florbelas” (aqui parafraseando a tese de doutoramento do Professor Jonas Leite, da Universidade Federal de Pernambuco, intitulada *De Florbela às Florbelas: do mito literário à invenção de uma personagem escritora*); ou seja, há vários momentos de mudanças de atitude em relação a si mesma, à sua obra e ao modo como a própria crítica se relaciona com a leitura dos textos florbelianos. Exemplificando, aludo uma epístola da escritora a José Emídio Amaro, em 04/01/1928, na qual revela que vai se sentindo “menos portuguesa e mais alentejana”. São os últimos anos de sua vida, a viver no norte do país, durante os quais vão surgindo o desejo de regressar ao Alentejo, à sua “planície rasa”, de ceifeiros e de raparigas de “perfis delicados e trigueiros” (“O Meu Alentejo”) – isto quer dizer que “terra” e “corpo” se fundem como mote da criação artística florbeliana (Iracema Goor, *Um território chamado Florbela*, tese de doutoramento, São Paulo, PUC, 2021). Ou seja, apesar de haver na obra da escritora uma certa tendência megalomaniaca, daquela que sonha ser a “Poetisa eleita”, “aquela que diz tudo e tudo sabe” – talvez de uma Florbela que aceitasse o ingresso no Panteão Nacional – essa última Florbela, depois de 1928, parece que almeja regressar a si mesma, às suas raízes.

Por isso, nada mais justo que o seu corpo e a sua memória descansem em paz no lugar em que ela gostaria de estar, como uma filha que deseja voltar ao útero; como alguém que procura desesperadamente aquilo que mais lhe faz falta nesse encontro com a terra (“Um suicida, escavando a terra com as unhas, procurava o seu sonho, por que se tinha perdido.” – diz a narradora em “A Morta”, conto de *As Máscaras do Destino*); como alguém que vê na planície rasa toda a amplitude de que necessita para sobreviver (“Sob a serenidade austera da minha terra alentejana, lateja uma força hercúlea, força que se revolve num espasmo, que quer criar e não pode.” – “O Resto é Perfume”, conto de *As Máscaras do Destino*); como aquela que já previa a necessidade de descanso que não obteria nunca, nem mesmo após o seu falecimento; a que busca paz no lugar onde nasceram seu irmão e sua mãe:

Pobre de Cristo

Ó minha terra na planície rasa,
Branca de sol e cal e de luar,
Minha terra que nunca viu o mar
Onde tenho o meu pão e a minha casa...

Minha terra de tardes sem uma asa,
Sem um bater de folha... a dormirar...
Meu anel de rubis a flamejar,
Minha terra mourisca a arder em brasa!

Minha terra onde meu irmão nasceu...
Aonde a mãe que eu tive e que morreu,
Foi moça e loira, amou e foi amada...

Truz... truz... truz... Eu não tenho onde me acoite,
Sou um pobre de longe, é quase noite...
Terra, quero dormir... dá-me pousada!

Serra Talhada, 05 de abril de 2022

Fabio Mario da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco